



ALES BELLO, A. **Introdução à Fenomenologia**. Trad. Ir. Jacina Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006.

Everaldo dos Santos Mendes

Doutorando em Filosofia da Universidad Católica de Santa Fe (UCSF), mestrando em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), docente na Faculdade de Santa Cruz da Bahia (FSC), na Faculdade Arquidiocesana de Feira de Santana (FAFS), na Faculdade do Sertão Baiano (Fasbe) e na Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Feira de Santana, BA - Brasil, e-mail: everomendes@yahoo.com.br

Angela Ales Bello, filósofa contemporânea, italiana, fundadora e diretora do Centro Italiano di Ricerche Fenomenologiche, com sede em Roma, e docente de História da Filosofia Contemporânea da Faculdade de Filosofia da Pontifícia Università Lateranense – PUL – é especialista na Fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938) e uma das mais renomadas pesquisadoras do pensamento de Edith Stein (1891-1941). Editou pela Città Nuova, em língua italiana, as *Obras Completas* de Edith Stein.

Na Universidade Sagrado Coração (USC), em Bauru (São Paulo, Brasil), Angela Ales Bello ministrou, em 2004, um curso que culminou no livro intitulado *Introdução à Fenomenologia*, com publicação pela Edusc, em 2006. Na referida obra, somos chamados a percorrer o inteiro percurso de Edmund Husserl, atentos ao que nos está à volta e à própria experiência interna. E ali nos adverte Miguel Mahfoud, docente da Universidade

Federal de Minas Gerais (UFMG), que a experiência vivida e a reflexão sistemática, efetivamente, podem não estar cindidas.

No capítulo 1, intitulado “O que é o fenômeno e a Fenomenologia”, diz Ales Bello que a palavra “fenomenologia” é formada por duas partes, ambas de origem grega: “fenômeno”, *aquilo que se mostra*, não somente aquilo que *aparece* ou *parece*; e “logia”, derivada da palavra “logos”, que para os gregos tinha muitos significados – palavra, pensamento. Na obra, “logos” é tomado como “pensamento”, “capacidade de refletir”; e por “fenomenologia”, a filósofa compreende “a reflexão sobre um fenômeno ou sobre aquilo que se mostra”. Na linguagem religiosa, utilizamos também a palavra “epifania” para falar de algo que se manifesta, que se mostra – ao ser humano.

No capítulo 2, a Fenomenologia se revela como um “*méthodo*”, ou seja, como caminho. Necessitamos, pois, agora, afirma a autora, percorrer um caminho, o que é próprio da História da Filosofia do Ocidente, que sempre fez esse caminho para chegar ao sentido das coisas mesmas. Mostra que na concepção de Edmund Husserl, esse caminho é formado por duas etapas: Na 1ª etapa têm-se a busca do sentido dos fenômenos: a redução *eidética*, que consiste no sujeito que capta o sentido das “coisas” – a “essência”; já na 2ª etapa, mostra como é o sujeito que busca sentido por meio da redução transcendental, que consiste numa reflexão sobre o sujeito que capta o sentido das “coisas”.

Na análise do sujeito, Ales Bello ilustra o tema a partir de um experimento com a mão: “Toco a caneta, a mesa etc. Enquanto toco, há o ato de tocar, estou tocando, estou vivendo a experiência de tocar. Há uma coisa que é tocada. Enquanto existe, onde está? Fora. Mas enquanto coisa tocada onde está? Dentro. Enquanto tocada ela se torna minha” (p. 28). Isso é de suma importância para o estudo da psicologia porque, *entre* a coisa-tocada (exterior) e o sujeito-que-a-toca (interior), Edmund Husserl descobre um novo território: *as vivências ou atos vividos*. No exemplo citado, tocar a caneta ou a mesa é uma *vivência*; e se é vivência, quer dizer que é registrada por nós e dela temos *consciência*, isto é, “dar-se conta de tocar”. Ales Bello diz, então, que o primeiro nível de consciência é o dos *atos perceptivos*, e o segundo, dos *atos reflexivos*. Por último, a autora chega à “estrutura da pessoa humana”: corpo-psique-espírito.

No capítulo 3, “A consciência e as estruturas universais”, o terreno da consciência é apresentado pela autora como a novidade da abordagem fenomenológica de Edmund Husserl. Mas, “a consciência está no espírito? Está no psíquico?” (p. 45). Não é possível, pois as três dimensões da pessoa humana – corpo, psique e espírito – só são conhecidas por nós porque temos consciência. Então, a consciência não é um lugar físico, nem um lugar específico, nem é de caráter espiritual ou psíquico. Na concepção de Ales Bello, é como um ponto de convergência das operações humanas, que nos permite escrever o que estamos escrevendo ou fazer o que estamos fazendo como seres humanos. Temos consciência de nossa dimensão corpórea, psíquica e espiritual – e temos consciência de que registramos os atos. Edith Stein (1891-1942), que foi assistente de Edmund Husserl, diz que a consciência é uma luz interior que acompanha as nossas vivências.

No capítulo 4, Ales Bello reflete sobre o problema da *síntese passiva*: uma fase (ou caminho) anterior à percepção, na qual o sujeito reúne elementos sem se dar conta daquilo que faz. Do ponto de vista dessa autora, trata-se de operações que estabelecem continuidade e descontinuidade, homogeneidade e heterogeneidade. Para apreender o objeto em sua unidade, devemos estabelecer relações de continuidade e de descontinuidade, de homogeneidade consigo mesmo e de heterogeneidade para com outros objetos. Não nos damos conta de operar tudo isso precedentemente à percepção, pois são operações que cumprimos num nível passivo, somos afetados por elas antes que façamos qualquer coisa. Não obstante, quando Edmund Husserl trata dos níveis passivos, não está dizendo que os vivemos passivamente. Analiticamente compreendemos que já demos aqueles passos, tornaram-se nossos, não pudemos deixar de fazê-los, e é a essa passividade que se refere Edmund Husserl.

No capítulo 5, “O Eu, o outro e o nós: a entropatia”, a autora insiste que, do ponto de vista antropológico-filosófico, o estudo dos atos é importante, por atingir os aspectos individuais e universais. Nós vivemos de modo individual, mas ligados à estrutura universal. Por isso, quando falamos dessa estrutura universal, dizemos: “nós”. Mas como chegamos a dizer “nós” ou como passamos do “eu” para o “nós”? Edmund Husserl, no início do século XX, descobriu uma modalidade peculiar de abordagem do outro, uma vivência específica: “*Empfindung*” (“empatia” ou “entropatia”),

ato de sentir a existência de outro ser humano, como eu, uma apreensão de semelhança imediata (e não de identidade, pois eu percebo que somos dois, que o outro não é idêntico, mas semelhante a mim), de modo que possamos dizer: “nós”, evidenciado pelos fenomenólogos Edmund Husserl e Edith Stein. Etimologicamente, a palavra “*Einfühlung*” é composta por três partes, o núcleo “*fühl*” significa “sentir”. Na língua grega, há uma palavra que poderia corresponder a “*fühl*” (e a “*feeling*”, derivada da língua latina): “*pathos*”, que significa “sofrer” e “estar perto”.

No capítulo 6, “A intersubjetividade: as modalidades de associação e a pessoa” diz Ales Bello que “nós” nascemos em um contexto interpessoal, destacando os seguintes modos de organização de associação humana: massa, comunidade, sociedade, povo, nação, Estado. Mas qual dessas organizações respeita a liberdade da pessoa humana, em suas dimensões corpórea, psíquica e espiritual? Edmund Husserl e Edith Stein acreditam que a organização que respeita a liberdade da pessoa humana é a comunidade, que se caracteriza pelo fato de os seus membros assumirem responsabilidades recíprocas. Na comunidade, cada membro considera sua liberdade, assim como também quer a liberdade do outro e, a partir daí, verifica qual é o projeto conjunto. Não podemos esquecer, então, de que o projeto conjunto pode ser útil para a comunidade, mas deve ser útil também para cada membro.

No capítulo 7, “A análise das vivências para um fundamento das ciências”, Ales Bello menciona que, no campo das ciências, algumas se ocupam de certos aspectos desse percurso indicado no presente texto. No que diz respeito às ciências que se interessam pela dimensão corpórea da pessoa humana são, à guisa de exemplos, a Biologia e a Fisiologia. A Psicologia ocupa-se da “psique”. O espírito se relaciona com os modos culturais e com as ciências da cultura, como a Antropologia cultural, a História, o Direito e todas as ciências da Arte. Do ponto de vista dessa autora, as ciências que se ocupam da vida associada, da comunidade são a Sociologia e as Ciências políticas, dentre outras. Há, pois, muitos pontos de vista científicos, cada um deles desenvolvendo-se num aspecto. Não obstante, enfatiza Ales Bello que uma tendência do nosso tempo é se fixar em alguns desses aspectos, sem entender o sentido do ser humano – de sua relação com os outros, com a comunidade, com a sociedade, com o

Estado –, o que só se pode fazer por meio de uma ação interdisciplinar, uma vez que não conhecemos tudo. Isso significa dizer, então, que não se faz ciências humanas sem que se saiba o que é o ser humano.

No capítulo 8, intitulado “O método fenomenológico husserliano e o existencialismo”, insiste Angela Ales Bello que em Husserl o mais importante não é a “existência”, mas a “essência”: o sentido — o que clama por colocarmos entre parênteses a existência dos fatos. Por outra parte, Martin Heidegger, Merleau-Ponty e Jean-Paul Sartre admitiram que há um fenômeno da existência humana e se interessaram por examiná-lo como fenômeno, mas sem adentrá-lo, sem examinar a dimensão dos atos. Edith Stein é que se interessa pela estrutura da pessoa humana, reconduzível à realidade transcendental (atos de consciência), e, por meio dos atos conquistados, vem depois a existência das coisas.

No capítulo 9, intitulado “Os atos específicos da busca religiosa”, Ales Bello chama de atos intelectuais os racionais e morais ligados à vontade de atos espirituais. Para a autora, quando queremos fazer algo, estamos tomando uma posição consciente. Mas a vida espiritual está ligada aos “atos religiosos”, e pode-se perguntar o que são esses “atos religiosos”. Edmund Husserl diz que na consciência se encontram “correntes de consciência”. Para esse autor, a consciência é o estado cômico de, estar ciente de; portanto é o estado ciente dos atos que estamos realizando. Essas correntes de consciência nos remetem a um princípio absoluto, pois, para nós, a consciência é um elemento absoluto indiscutível, uma vez que não podemos sair da consciência. Não obstante, os atos da nossa consciência nos permitem dizer que não somos absolutos, mas que deve existir alguma coisa de absoluto.

Para Edith Stein, no medievo as grandes lutas travadas para se estabelecer qual a via mais valiosa – a objetiva ou a subjetiva – foram inúteis, pois a pessoa humana é limitada e todos os esforços são meras tentativas de aproximação. Nesse caso, faz-se necessário aceitar as diversas vias, buscando encontrar-se nelas e obter um ponto de vista mais amplo, superior. Na concepção de Edith Stein, a dimensão religiosa consiste em buscar a Deus e buscar saber o que é Deus. Essa busca da pessoa humana é também intelectual, mas não se consegue realmente compreendê-Lo intelectualmente.

Por último, resta-nos dizer, então, à guisa de considerações finais, que *Introdução à Fenomenologia* é um texto endereçado àquelas pessoas que desejam compreender o processo filosófico de investigação construído por Edmund Husserl e aprofundado por Edith Stein, sejam psicólogos, teólogos, pedagogos, psicopedagogos, filósofos, cientistas da religião, psiquiatras etc. que já vivenciaram este questionamento: “O que é o ser humano?”.

Recebido: 30/06/2011

Received: 06/30/2011

Aprovado:11/08/2011

Approved: 08/11/2011